

## REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS COLETIVAS E METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

*Patrícia Lakchmi Leite Mertzig<sup>1</sup>*

*Taissa Vieira Lozano Burci<sup>2</sup>*

*Dayane Horwat Imbriani de Oliveira<sup>3</sup>*

*Silvia Eliane de Oliveira Basso<sup>4</sup>*

### RESUMO

Esta pesquisa reflete sobre como o trabalho em grupo relacionado as metodologias ativas e ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem ser úteis no processo educativo de forma a proporcionar aos estudantes uma formação de qualidade, utilizando a metodologia que privilegia o trabalho em equipe, ainda que estes não possam se dedicar aos estudos de forma integral. O procedimento metodológico é uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Salientamos que o trabalho em grupo exige cooperação, isso significa participação efetiva de todos os membros para que a aprendizagem ocorra. As metodologias ativas caracterizam-se pela interação em grupo que também podem ser complementadas com o uso das TIC.

**Palavras-chave:** Metodologias ativas; Práticas coletivas; Ensino Superior.

### ABSTRACT

This research reflects on how group work related to active methodologies and the use of Information and Communication Technologies (ICT) can be useful in the educational process in order to provide students with quality training, using the methodology that privileges working in team, even though they cannot dedicate themselves to studies in a full way. The methodological procedure is a literature search with a qualitative approach. We emphasize that group work requires cooperation, this means effective participation by all members for learning to occur. Active methodologies are characterized by group interaction that can also be complemented with the use of ICT.

**Keywords:** Active methodologies; Collective practices; University education.

---

1 Possui Graduação em Música (UEL), Especialização em Arte- Educação (SOET) mestrado e doutorado em Educação pela Univesidade Estadual de Maringá (UEM).

2 Doutoranda em Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista da Capes/Cnpq. Possui Graduação em Pedagogia (UEM), Especialização em Educação Especial (UEM) e Mestrado em Educação (UEM).

3 Possui Graduação em Letras - Português/Inglês (FGU). Especialização em Metodologias e Técnicas de Ensino (UTFPR). Especialização em História, Arte e Cultura. (UEPG). Mestranda em Educação (UEM).

4 Possui Graduação em História (Unipar). Graduação em Pedagogia (UEM). Especialização em História do Mundo Contemporâneo (Unipar). Mestrado em Educação (UEM). Doutoranda em Educação (UEM).

## INTRODUÇÃO

Atualmente, é possível afirmar que vivemos em uma época na qual as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) se fazem presentes de forma intensa na vida de milhares de pessoas. Crianças nascidas a partir da década de 1990 são consideradas nativas digitais e tem como características a necessidade de estar sempre conectadas, utilizando os aparelhos móveis como extensões do corpo. Isso significa que esses aparelhos não estão presentes na vida dessa geração web 2.0 somente como um adereço, é muito mais do que isso, é um meio de organização da vida.

Muitos professores ainda na ativa não pertencem a essa geração de nativos digitais. Nasceram e cresceram em outra realidade tecnológica e aprenderam os saberes escolares e universitários de maneira bem distinta da atual. Porém, são pessoas extremamente qualificadas e perfeitamente capazes de realizar sua função docente. Mas é preciso se adaptar as mudanças pois o modelo tradicional de ensino já não tem produzido mais os efeitos esperados.

Assim, não basta aprender a utilizar aplicativos ou inserir vídeos do YouTube nas aulas. É preciso refletir sobre os limites e alcances em relação ao uso das TIC em sala de aula para que não se caia no erro de continuar a usar modelos didáticos tradicionais em formato digital ou ainda, manter conteúdos e metodologias descolados da realidade atual. Nesse sentido, Fernandes e Salvago (2016, p.3) fazem o seguinte alerta:

Especialmente neste momento de transição, em que aparece de um lado uma geração de alunos nativos digitais em confronto com uma geração de professores imigrantes digitais, é preciso ter cautela para aproveitar com sabedoria a revolução tecnológica a favor da educação, para que a inclusão dos meios digitais nas salas de aula não seja mera implantação de recursos modernos sem nenhuma utilidade efetiva.

Ao adentrar o ensino superior, muitos estudantes optam pelo período noturno por diferentes motivos. A necessidade de trabalhar durante dia é o principal fator para que isso ocorra e, dessa forma, algumas questões emergem quanto a qualidade da aprendizagem por parte dos estudantes visto que grande parte não dispõe de tempo para realizar leituras e tarefas extraclasse.

Assim, observamos dois aspectos recentes do ensino superior na atualidade: estudantes com acesso a redes sociais e outros aplicativos; informações disponíveis na internet e estudantes com pouca disposição para aprender por meio de aulas expositivas sem a leitura prévia de materiais básicos e complementares ofertados pelas disciplinas que compõe o curso o qual ingressou.

É nesse aspecto que acreditamos que a adoção das metodologias ativas pode auxiliar na formação desse estudante tanto em relação ao uso das TIC como forma de aprender com mais liberdade e autonomia ao buscar informações disponíveis na rede de forma mais crítica e superar as dificuldades de aprendizagem por falta de tempo para a leitura dos textos quando auxiliados pelos colegas em grupo e pelo professor.

Entendemos que esse assunto se consubstancia em importante objeto de investigação desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Educação a Distância e Tecnologias Educacio-

nais (GPEaDETC/CNPq) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), assim refletiremos sobre como o trabalho em grupo relacionado as metodologias ativas e ao uso das TIC podem ser úteis no processo educativo de forma a proporcionar aos estudantes uma formação de qualidade ainda que estes não possam se dedicar aos estudos de forma integral.

O procedimento metodológico adotado é uma pesquisa bibliográfica para fundamentação dos temas apresentados, essa que de acordo com a definição de Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. E também abordagem qualitativa que visa relacionar a temática com os conhecimentos das autoras a partir das pesquisas já realizadas por elas.

## **A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS COLETIVAS**

A educação busca acompanhar as mudanças que ocorrem em todos os setores sociais, assim procura fornecer suporte para um desenvolvimento pleno. Pois o processo educacional não influencia somente o desenvolvimento acadêmico, mas também o social, o pessoal e o profissional. As habilidades e as competências apreendidas durante a formação serão fundamentais para que o estudante enquanto indivíduo consiga ser um sujeito ativo e crítico com princípios éticos necessários a qualquer sociedade.

Sabemos que há aspectos que precisam ser melhorados na educação, no entanto, pesquisadores e profissionais da área comprometidos com a oferta de uma educação de qualidade pesquisam e experimentam maneiras diferentes de contribuir com o melhoramento da educação.

Diante do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, principalmente as digitais, exige-se novas formas de ensinar e aprender nas instituições de ensino, sejam elas de educação básica ou ensino superior. No entanto, cabe aos professores juntamente com a disponibilização de estrutura por parte das instituições o aperfeiçoamento das metodologias utilizadas.

Os estudantes são indivíduos que aprendem de formas e em tempos diferentes, ao utilizar diferentes metodologias damos a oportunidade para que eles aprendam mais. No caso do ensino superior, ao adotar uma metodologia ativa como, por exemplo, o Team Based Learning (TBL), o Problem Based Learning (PBL) ou Comunidades de Práticas (CoP) é necessário que o professor compreenda que cada uma delas possuem diferentes fases, que precisam ser elaboradas previamente e sua duração depende da quantidade de conteúdos a serem aprendidos pelos estudantes. Além dos conteúdos outros fatores como perfil da turma e quantidade de encontros presenciais devem ser levados em conta ao fazer uso de uma delas.

O PBL, por exemplo, centra a aprendizagem por meio de resolução de problemas. Para tanto seu processo envolve, em primeiro lugar, a apresentação do problema, na sequência os estudantes já em grupos, são instigados a elaborar questões sobre o problema em relação aquilo que não compreendem. Essas questões recebem uma classificação quanto a seu grau de importância e o grupo define qual ou quais perguntas exigiram maior atenção de todos enquanto outras perguntas periféricas podem ser respondidas em trabalho individual. Nesse momento há uma divisão de tarefas e cada integrante é responsabilizado por parte do trabalho. Nos encontros que seguem, os estudantes trazem as respostas que ficaram incumbidos e discutem novamente no grupo. Percebem que novas questões

surtem, se conscientizam que a aprendizagem é processual e que sempre haverá outras perguntas a serem exploradas. Ao término do trabalho como problema apresentado pelo professor, os estudantes realizam uma auto-avaliação e também avaliam seus pares. De acordo com Ribeiro (2010, p.29) “A auto-avaliação é uma habilidade essencial para uma aprendizagem autônoma eficaz”.

Em relação a auto-avaliação, esta pode ser observada como elemento importante da avaliação formativa amplamente discutida por autores como Perrenou (1999), Hadji (2001), Freire (2014) entre outros. Ter consciência dos diferentes aspectos durante o ato cognitivo, por meio de processo mental interno, é refletir sobre metacognição. Essa tomada de consciência dá ao sujeito mais autonomia e favorece sua auto-regulação. Dessa forma, há um certo distanciamento do conteúdo a ser aprendido e se localiza nas condutas e ações elementos de regulação. De acordo com Hadji (2001, p. 103) “Por meio da auto-avaliação, é visado exatamente o desenvolvimento das atividades de tipo cognitivo, como forma de uma melhoria da regulação das aprendizagens, pelo aumento do auto-controle e da diminuição da regulação externa do professor”.

Outro elemento importante favorecido pela auto-avaliação é o diálogo com os outros (os pares). Ainda que a metacognição seja um processo mental interno e individual, é no encontro com o outro que cada aprendiz pode testar e validar sua aprendizagem quando recebe questionamentos, críticas e sugestões em relação ao objeto de conhecimento. O olhar do outro permite o afastamento do objeto aprendido e favorece uma reflexão descolada, cujos vícios já imperceptíveis vem a tona e podem, inclusive, ressignificar tanto o objeto quanto o processo mental utilizado. Traz ao aprendiz uma “lucidez metacognitiva” Hadji (2001).

O PBL, assim como outras metodologias ativas, tais como o TBL do inglês *Team Based Learning* e as Comunidades de Prática, incentivam a aprendizagem também em grupos. O conhecimento coletivo é importante nessas abordagens pois compreende que o saber do grupo auxilia na aprendizagem individual e estimula os estudantes a questionar, quando não compreendem algo, a aprender, quando explicam aos demais e a debater, quando há discordância sobre algum aspecto que possa surgir no percurso, utilizando assim a argumentação e defesa do ponto de vista.

No intuito de ilustrar o que foi afirmado anteriormente destacamos os quatro pilares do TBL apresentados discutidos por Sweet e Michelsen (2012, p.7, Trad. nossa) com fundamentais para o desenvolvimento dessa metodologia: 1) Uma atitude de pensamento crítico; 2) A capacidade de usar habilidades específicas de pensamento crítico; 3) A capacidade de aplicar essas habilidades em novos contextos; 4) Hábitos de reflexão sobre o próprio pensamento.

No entanto, a eficácia do uso das metodologias ativas depende do trabalho em grupo. Uma das dificuldades encontradas pelos professores na utilização dessas metodologias está diretamente relacionado ao fato de parte dos estudantes não saberem o que fazer quando precisam tornar-se ativos em seu processo de aprendizagem. Os estudantes acostumados com aulas em que recebem o conteúdo somente a partir da explanação do professor podem ter dificuldades de acompanhar as atividades desenvolvidas nas metodologias ativas.

Segundo Ribeiro (2010) essas exigem que eles tenham autonomia para buscar conhecimento, comprometimento e responsabilidade diante as tarefas. Essa mudança de comportamento mediante ao trabalho em grupo pode trazer também benefícios como, por exemplo, a apresentação oral individual e em grupo podem desenvolver habilidades importantes para a carreira desse futuro profissional.

Assim, o trabalho em grupo é fundamentado na cooperação, portanto, a sua eficácia se dá diante da participação de todos os membros. No caso das instituições de ensino, o resultado desse tipo trabalho ocorre com a aprendizagem dos estudantes, no entanto, a não participação de alguns compromete o desempenho do grupo e por consequência a aprendizagem.

Para que o trabalho em grupo funcione é necessário que os estudantes se organizem internamente para que cada um receba uma função importante no desenvolvimento da atividade e que todos tenham espaço para falar, questionar e debater o tema ou a dúvida com a equipe sem sofrer retaliações.

De acordo com Freire (2014), no trabalho em grupo fica em evidência as qualidades e as dificuldades de cada integrante, o professor não oferece o conteúdo simplificado, a ação para desenvolver uma atividade depende da equipe e não mais do professor. Ou seja, nesse tipo de organização o estudante se redescobre no ambiente escolar, seja identificando os pontos positivos ou negativos de sua conduta. Ainda de acordo com Freire (2014), o trabalho em grupo faz o estudante conquistar o seu espaço.

No entanto, para que a equipe consiga estudar os conteúdos para que todos se apropriem dos conhecimentos é necessário muita organização e disposição de cada integrante para aproveitar o tempo em sala de aula ou as interações que podem acontecer por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Os estudantes do período noturno podem se beneficiar de atividades em grupo e do uso das tecnologias de informação e comunicação, pois em sua maioria eles trabalham durante o dia e o tempo disponível destinado aos estudos em casa acaba sendo prejudicado. Ou seja, o trabalho em grupo bem organizado e estruturado permite um maior envolvimento dos estudantes durante as aulas que podem ser utilizadas para pesquisar, ler os textos, debater, questionar, realizar atividades, entre outros elementos que fazem parte do processo educativo.

Esse tipo de metodologia permite um maior aproveitamento da aula quando estudantes e professores estão empenhados para que a interação proporcionada seja utilizada para estudar o conteúdo. Nesse contexto o uso das tecnologias proporciona que esta interação se estenda para além da aula. Os estudantes por meio das TIC podem se comunicar e continuar debatendo os conteúdos, organizando os encaminhamentos das próximas atividades a serem realizadas pelo grupo ou até mesmo compartilhando materiais que auxiliam a compreensão dos conteúdos como, vídeos, áudios, imagens, textos, entre outros.

Infelizmente, o trabalho em grupo em alguns casos é utilizado de forma inapropriada por estudantes e professores prejudicando a aprendizagem. No entanto, quando trabalhado de forma correta oportuniza inúmeras possibilidades no desenvolvimento de diferentes estratégias para propiciar a aprendizagem em sala. Este aspecto para o estudante noturno é fundamental quando consideramos que por meio das atividades realizadas em

equipe ele terá contato com os conteúdos, textos da disciplina que irá além da explicação do professor. O professor, por seu turno, precisa planejar as atividades a serem realizadas em grupo incluindo sua forma de avaliação. «Portanto, esta proposta tem sempre uma direção dada, lançada pelo educador (FREIRE, 2014, p. 115)».

Destarte, as metodologias ativas se caracterizam por atividades que acontecem em grupo, portanto seus usos nas disciplinas melhoram o aproveitamento das aulas e do desempenho das aulas, principalmente por possuírem uma organização específica que orienta toda ação de estudantes e professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das metodologias ativas permite com que a forma de ensino e aprendizado estejam integradas com os novos avanços tecnológicos dos últimos anos. As mudanças ocasionadas com o uso das chamadas TIC possibilita que inúmeras maneiras de aprender possam ser desenvolvidas, tendo como objetivo inovar no que compete a questão de um ensino-aprendizagem mais relacionado com a realidade e o cotidiano tanto dos alunos quanto de professores identificados, na atualidade, como nativos e imigrantes digitais.

Metodologias ativas como o *Team Based Learning* (TBL), o *Problem Based Learning* (PBL) ou Comunidades de Práticas (CoP) podem ser usadas para o desenvolvimento de trabalhos em grupos. Para que essa forma de aprendizado obtenha o resultado esperado é necessário o comprometimento e a responsabilidade de todos os envolvidos para que o conhecimento pretendido, ao longo da atividade, seja alcançado com sucesso.

O fato é que o trabalho em grupo oportuniza não somente um aprendizado diferenciado, a partir de um processo muito mais autônomo, pois proporciona para além dos conteúdos ministrados em sala, também o desenvolvimento de habilidades necessárias para a formação profissional e sua atuação no mercado de trabalho, demonstrando o potencial de uso das metodologias ativas quando abarcam seus aspectos fundamentais de trabalho em grupo.

## REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Tassiana. SALVAGO, Blanca Martin. **Aprimoramento do processo ensino-aprendizagem na EaD: uma perspectiva dos estudos em educomunicação**. IN: Anais do XXII CIAED, Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. Águas de Lindóia, SP, 2016. p. 1-8.
- FREIRE, Madalena. **Educador**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- RIBEIRO, Luis R. de Camargo. **Aprendizagem baseada em problemas: uma experiência no ensino superior**. São Carlos: EDUFSCar, 2010.
- SWEET, Michael; MICHAELSEN, Larry K. Critical Thinking and Engagement. In: SWEET, Michael; MICHAELSEN, Larry K. **Team-Based Learning in the Social Sciences and Humanities**. Sterling, Virginia: Stylus, 2012.